

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM -- PARÁ -- BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 28

SETEMBRO, 30, 1965

BREVES NOTAS SÔBRE O SISTEMA DE PARENTESCO
MAKUXÍ

EDSON SOARES DINIZ (*)

Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

Os índios Makuxí, pertencentes ao bloco lingüístico Karib, vivem em terras da Guiana Inglêsa e do Brasil. Aqui habitam nos campos e na zona montanhosa do Território Federal de Roraima, ex-Rio Branco, alcançando cêrca de três mil indivíduos. Nesse total incluem-se tanto os aldeados como os destribalizados, sendo êstes desde agregados de fazendas pastoris até ós moradores de povoados ou da cidade de Boa Vista, capital do Território.

Procuraremos mostrar, nesta comunicação, alguns aspectos da instituição de parentesco dêsses indígenas. O assunto será tratado quase restrito à terminologia, sem focalizar pormenores que exigem, naturalmente, maior soma de dados empíricos. As notas aqui registradas foram coletadas no decorrer de um período de dois meses (fevereiro-abril, 1964), durante o qual tivemos oportunidade de visitar oito grupos-locais Makuxí no vale dos rios Surumu-Cotingo e Maú. O *survey* então realizado se constituiu na primeira parte de nosso projeto de estudo, que objetiva a compreensão do modo pelo qual os Makuxi estão se instalando na sociedade brasileira, especificamente em um de seus segmentos.

(*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

Apesar da participação cada vez maior dos Makuxí na sociedade nacional e das conseqüentes alterações de sua economia, de sua organização política, etc., a estrutura do sistema de parentesco como tal, continua operativa. Para as gerações mais novas, contudo, cujo contato com o "mundo exterior" é mais freqüente e incisivo, há algumas confusões, devido à influência da língua portuguesa e da vivência referida. Isto, porém, tendo em vista o grupo tribal, em nada afeta a estrutura e o caráter operativo acima citados.

A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO

As informações existentes acêrca da terminologia de parentesco dos índios Makuxí são fragmentárias, não oferecem uma visão de conjunto e algumas delas têm incongruências estruturais (1). Levando em consideração êstes fatores, resolvemos publicar algumas notas a fim de que possam servir de ajuda ao entendimento da questão. A terminologia de parentesco dêsse grupo tribal pode ser descrita do modo que segue :

Um único termo é empregado para designar o pai do pai e o pai da mãe. Também há apenas um designativo para a mãe do pai e para a mãe da mãe.

O pai, os irmãos do pai, os primos paralelos matri e patrilaterais do pai, além do padrasto, são classificados em uma mesma categoria, seja ego masculino ou feminino. O mesmo ocorre em relação à mãe, às irmãs da mãe, às primas paralelas matri e patrilaterais da mãe, além da madrasta, tôdas grupadas em uma mesma categoria terminológica, independentemente do sexo da pessoa que fala. Aliás, o designativo classificatório para mãe é extensivo, também, à espôsa do irmão do pai. Igualmente, classificam-se como pai o marido da irmã da mãe e os das demais incluídas nesta categoria. Reciprocamente, todos os *pais* e tôdas as *mães* referem-se à pessoa que fala como *filho* e *filha*, conforme for o caso.

(1) — Cf. Carvalho, 1936; Coudreau, 1887; Farabee, 1924; Koch-Grünberg und Hübner, 1908; Martius, 1867; Mayer, 1951; Nimuendajú, 1921.

A irmã do pai, a mãe do cônjuge e a espôsa do irmão da mãe recebem uma única designação, seja ego masculino ou feminino. O irmão da mãe, o pai do cônjuge e o marido da irmã do pai, de acôrdo com o sexo da pessoa que fala, são referidos por um designativo comum a todos. Por sua vez, tanto aquelas como êstes, referem-se a ego masculino e feminino, respectivamente, pelos têrmos correspondentes a marido da filha e espôsa do filho.

Numa mesma categoria são identificados como irmão e irmã, além dos irmãos verdadeiros (filhos de ambos os cônjuges ou apenas de um), os primos(as) paralelos matri e patrilaterais. Há designativos específicos para irmão e irmã mais velhos e mais novos. Os primos cruzados ambilaterais são distinguidos dos primos paralelos. Êstes estão incluídos na categoria de "siblings". Aquêles, sejam matri e patrilaterais têm têrmos idênticos, de acôrdo com o sexo da pessoa que fala e da referida, aliás, alusivos à preferência matrimonial. Assim, quando ego é do sexo masculino, os têrmos que designam os "primos" e as "primas" cruzados correspondem àqueles empregados para o irmão da espôsa, para o marido da irmã, para a irmã da espôsa e para a espôsa do irmão. De modo análogo, quando ego é do sexo feminino, refere-se aos "primos" cruzados como irmão do marido da irmã; enquanto às "primas" cruzadas, chama pelo têrmo correspondente à irmã do marido e à espôsa do irmão.

Na categoria de "filho" e "filha", a pessoa que fala classifica os seus próprios filhos(as) e os de seus irmãos do mesmo sexo, reais ou classificatórios. Os filhos(as) dos irmãos do sexo diferente de ego são designados pelos têrmos equivalentes a genro e nora. Deve-se acrescentar que os designativos de "filho" e "filha" são extensivos ao filho e à filha da irmã da espôsa, do irmão do marido, ao enteado e à enteada.

Os filhos e filhas do filho e da filha, sejam as pessoas que falam ou as referidas do sexo masculino ou do feminino, têm um único designativo.

Marido e espôsa referem-se por têrmos específicos.

Considerando a descrição acima, vê-se que a terminologia de parentesco dos Makuxí, na primeira geração ascendente é do tipo *fusão bifurcada*. Dêsse modo, ego chama pai ao irmão do pai e mãe à irmã da mãe, porém, aos “tios” de sexo diferente do pai e da mãe, designa por tērmos diversos daquēles.

Na geração de ego, os tērmos de “primos” correspondem ao tipo *Iroquês* (Murdock, 1949 : 223), segundo o qual os primos cruzados ambilaterais são classificados pelos mesmos tērmos, de acôrdo com o sexo da pessoa que refere o da referida. Mas, são diferenciados dos “primos” paralelos e dos “siblings” que são classificados conjuntamente havendo, porém, conio no caso precedente, diferenciação de sexo, conforme seja ego mas culino ou feminino.

No que diz respeito às gerações alternadas, isto é, na segunda geração ascendente e na descendente, verifica-se uma fusão terminológica, cada vez que o pai do pai e a mãe da mãe são designados pelos mesmos tērmos dos genitores da mãe. E os filhos(as) dos filhos são identificados pelos mesmos designativos dos filhos(as) das filhas.

CASAMENTO E RESIDÊNCIA

Passaremos, agora, a focalizar alguns aspectos da organização social do grupo tribal aqui referido.

A monogamia é a forma usual de casamento entre os Makuxí, sendo a residência temporária no grupo-doméstico dos pais da noiva, após as núpcias, adotada tanto hoje em dia como outróra (2). A matrilocalidade de grupo-local, para os indivíduos de outras aldeias ou de etnia estranha, terminada aquela residência uxorilocal considerada obrigatória, também é grandemente seguida. Aliás, o jovem recém-casado trabalha em estreita colaboração com o seu sogro, fato cuja ocorrência foi registrada, no passado, como servidão (3).

(2) — Cf. Farabee, 1916 : 218; 1924 : 15, 76; Martius, 1867 : 645; Myers, 1946 : 26-27.

(3) — Cf. Farabee, 1924 : 76; Myers, 1946 : 26.

Entre os Makuxí o casamento preferencial é entre os primos cruzados ambilaterais o que, por sinal, como vimos na descrição terminológica, é refletido na terminologia de parentesco. O casamento avuncular, isto é, a união de um homem com a filha de sua irmã, referido em fonte antiga (4), parece ter ocorrido apenas como exceção, embora algumas equações de termos de parentesco permitam vislumbrar a possibilidade efetiva dessa ocorrência (5). Por outro lado, sendo o casamento oblíquo "tio-sobrinha" provavelmente um tipo de união secundária para o parceiro mais velho, aquela preferência de casamento entre primos cruzados chega a prejudicá-lo, daí, talvez, constituir-se em exceção. Restaria, ainda, uma outra possibilidade de casamento, aliás aludida na bibliografia consultada (6), a saber, a união com a madrasta, após a morte do pai. Esta última oportunidade matrimonial, por seu turno, parece ser resultante do casamento avuncular, desde que a existência desta forma de casamento determina a concorrência entre pai e filho no mesmo campo de possibilidade matrimonial: a filha da irmã e a prima cruzada patrilateral. Sobre essa concorrência entre as gerações, Moore assim se expressa:

"competition between the generations can show itself institutionally as a conflict between the oblique and cousin marriage. Certainly it is a significant locus of instability and change in kinship systems. But more important, oblique and asymmetrical cousin marriage, relatively rare though they are shed light on a basic theme of primitive social organization — the patterned succession of generations" (1963 : 309).

Na antiga ordem tribal era permitida a união de um homem ou de uma mulher e o cônjuge do irmão ou da irmã falecido(a). Além do levirato e do sororato, havia a poligamia, estas duas últimas registradas na bibliografia sobre os Makuxí (7). Segundo nossos informantes, a poliginia adotada era,

(4) — Cf. Martius, 1867 : 645.

(5) — O termo *e:ru?*, por exemplo, além de classificar a filha da irmã do pai, a filha do irmão da mãe, a esposa do irmão, pode ser extensivo à filha e à filha da irmã, quando a pessoa que fala é do sexo feminino.

(6) — Cf. Martius, 1867 : 645

(7) — Cf. Martius, 1867 : 642, 645.

via de regra, sororal. Nos dias atuais, essas ocorrências ainda não são totalmente estranhas. Enquanto, porém, casos de sororato são encarados com “naturalidade”, a poliginia já não é plenamente sancionada pelo consenso tribal, pelo menos nos casos que tivemos conhecimento. Senão vejamos: fomos informado, havendo nesse informe um tom jocoso, que até no ano de 1963 havia um caso de poliginia sororal na Aldeia de Contão, localizada na margem direita do rio Cotingo, desfazendo-se essa união plural pelo falecimento de uma das espôsas. Tivemos oportunidade de constatar um outro casamento poliginico sororal na Aldeia de Rapôsa, nas proximidades do igarapé Chumina, o qual é visto nesse grupo-local como uma anomalia. Este fato se torna mais ressaltado por ser considerada a “maloca” de Rapôsa a “mais civilizada” de tôdas, concepção dos regionais encampada pelos índios. A razão disso é muito simples, êsse aldeamento possui três prédios que se distinguem dos outros: a escola, a capela e a residência das professoras. Há limpeza e ordem, fatos não sômente advindos da influência das duas professoras lá residentes no período letivo, mas, também, pela capacidade de liderança do “tuxaua”, homem de cêrca de quarenta anos, com a vantagem de dirigir um grupo de parentes e a auréola de ter sido soldado do exército em Belém do Pará. Não será exagêro talvez, supor, que as periódicas visitas do padre encarregado da “desobriga” e das duas jovens professoras oriundas da capital do Território, que aí lecionam desde 1961, devam influir bastante nessa nova atitude da comunidade (8).

DESCENDÊNCIA

No que se refere à descendência, os Makuxí são considerados como matrilineais (9). Porém, o já mencionado casamento avuncular é um aspecto contraditório dessa afirmativa.

(8) — O indivíduo envolvido na poliginia sororal, sucessor que deveria ser de seu pai na chefia do grupo-local, teve obstada sua ascensão devido à influências estranhas, pelo fato de ter “duas mulheres”. O atual “tuxaua”, substituto do preterido, é primo cruzado patrilateral dêste, ou seja, filho da irmã do chefe falecido.

(9) — Farabee, 1916 : 218; Martius, 1867 : 643; Myers, 1946 : 26-27.

Com efeito, Lévi-Strauss (1949 : 536) assegura que somente em um regime de filiação patrilineal é possível o privilégio daquele casamento oblíquo. Pois, como é facilmente demonstrável, na descendência matrilineal um homem e a filha de sua irmã pertencem ao mesmo grupo. Dêste modo, pela exogamia ficam interditados de unir-se maritalmente sem cometer incesto. Aliás, a consequência estrutural do casamento de um homem com a filha de sua irmã, repetido em duas gerações sucessivas, como já apontaram alguns autores (Moore, 1963 : 301 e 305), resulta em que a filha da irmã e a filha do irmão da mãe serão a mesma pessoa. Isto considerado, mesmo partindo da opinião adotada de que os Makuxí possuem descendência matrilineal, a existência do casamento "tio-sobrinha" seria uma demonstração da inexistência de rigidez da exogamia, própria da descendência unilineal. É mister, contudo, ressaltar que não constatamos nenhum caso dêsse referido tipo de união conjugal, nos oito grupos-locais (ver mapa) visitados. Ressalte-se, ainda, que outros grupos indígenas do bloco lingüístico Karíb, todos pertencentes a um dos núcleos da Área Cultural denominada *Norte Amazônica* (Galvão, 1960 : 16), tais como os Apalaí (Gillin, 1948 : 849), os Tiriyo e os Xarúma (Frikel : informação pessoal), também são referidos como praticantes do casamento oblíquo "tio-sobrinha", porém todos eles possuem descendência patrilineal.

*

* *

O sistema de parentesco aqui descrito classifica todos os parentes em cinco gerações, partindo dos pais dos pais (avós) até aos filhos dos filhos (netos). Embora as gerações pareçam ser distintas, casos há em que um termo pode relacionar parentes pertencentes a mais de uma geração. Há distinção entre irmã e irmã mais velhas e mais novas. Alguns designativos têm forma de acordo com o sexo da pessoa que fala, como

por exemplo, o irmão da mãe (*tori*, h.f.; *ao*?, m.f.), outros são distintos nos gêneros masculino e feminino, como filho (*mu*, h.f.) e filha (*ri*, h.f.). Outros ainda têm uma única forma, sejam de sexo masculino ou do feminino a pessoa que refere e a referida, como na categoria de neto (*pa*).

Para concluir, pode-se dizer que do ponto de vista formal, na sociedade Makuxí, os homens da geração de ego masculino dividem-se em irmãos e maridos de irmãs; enquanto as mulheres de sua geração, repartem-se em irmãs e espôsas. Com relação a ego feminino, as mulheres de sua geração, bifurcam-se em irmãs e espôsas dos irmãos; e, os homens, da mesma geração, separam-se em irmãos e maridos.

LISTA DOS TÊRMINOS DE PARENTESCO (10)

- | | |
|-----------|----------------------------|
| 1. amo:ko | — pai do pai pai da mãe |
| 2. ko:ko | — mãe do pai mãe da mãe |

(10) — Na transcrição dos termos de parentesco Makuxí foram empregados os símbolos *a e i o u m n* com valores aproximados aos da ortografia portuguesa.

Os seguintes símbolos têm valores especiais:

p, t, k — representam, respectivamente, oclusivas bilabial, alveolar e velar que alternam entre surdas e sonoras.

? — oclusiva glotal (glottal stop).

s — fricativa alveolar surda alterna com a fricativa alveo-palatal surda [ʃ] diante de /i/.

ñ — nasal álveo-palatal sonora como *h* de *minha*.

h — fricativa glotal surda como em inglês *hand*.

w e *y* — semivogais como no inglês *we* e *yes*.

i — vogal alta central.

A vogal que precede um *n* é nasalizada.

O acento da palavra ocorre na última sílaba.

A duração vocálica é indicada com /:/ depois da vogal.

3. iun(u-iun) (11) — pai
 pa:pa — irmão do pai
 padrasto
 primo paralelo do pai
 marido da irmã da mãe
4. san(u-san) — mãe
 ma:ma — irmã da mãe
 madrasta
 prima paralela da mãe
 espôsa do irmão do pai
5. tori — irmão da mãe (h.f.)
 marido da irmã do pai (h.f.)
 pai da espôsa
6. ao ? — irmão da mãe (m.f.)
 marido da irmã do pai (m.f.)
 pai do marido
7. anan(u-anan) — irmã do pai (h.f.;m.f.)
 espôsa do irmão da mãe (h.f.;m.f.)
 mãe da espôsa
 mãe do marido
8. ui?(u-rui?) — irmão mais velho (h.f.)
9. pi?(u-pi) — irmão mais velho (m.f.)
10. nana? — irmã mais velha (h.f.)
11. a:tu — irmã mais velha (m.f.)
12. moi? (12) — irmão mais nôvo (h.f.)
13. moi?nen (13) — irmão mas nôvo (m.f.)

(11) — Os termos de parentesco Makuxí em parêntesis são vocativos, formados pelo possessivo *u* (meu, minha), por exemplo: *u-iun* (meu pai).

As siglas (m.f.) e (h.f.) significam, respectivamente, mulher falando e homem falando.

Agradecemos a Ernesto Migliazza pela nota explicativa dos símbolos usados para os termos de parentesco Makuxí.

(12) — Designativo usado, também, para o filho (h.f.).

(13) — Designação empregada, igualmente, para o filho (m.f.).

14. manon (14) — irmã mais nova (h.f.)
15. awa — irmã mais nova (m.f.)
16. ya:ko? — filho da irmã do pai (h.f.)
 filho do irmão da mãe (h.f.)
 marido da irmã (h.f.)
 irmão da espôsa
17. pi:pi (15) — filho da irmã do pai (m.f.)
 filho do irmão da mãe (m.f.)
 marido da irmã (m.f.)
 irmão do marido
18. riši(u-riši) (16) — filha da irmã do pai (h.f.)
 filha do irmão da mãe (h.f.)
 irmã da espôsa
 espôsa do irmão (h.f.)
19. e:ru?(17) — filha da irmã do pai (m.f.)
 filha do irmão da mãe (m.f.)
 irmã do marido
 espôsa do irmão (m.f.)
20. mu(u-mu) — filho (h.f.)
 u-muri — filho do irmão (m.f.)
 filho do irmão (h.f.)
21. re:(u-re:) — filho (m.f.)
 filho da irmã da espôsa
 filho da irmã (m.f.)
22. ri(u-ri) — filha (h.f.)
 filho do irmão do marido
 filha da irmã da espôsa
23. re(u-re) — filha (m.f.)
 filha da irmã (m.f.)
 filha do irmão do marido

(14) — Termo igualmente usado para a filha (h.f.).

(15) — Termo empregado, também, para o irmão mais velho (m.f.).

(16) — Termo usado, igualmente, para a irmã mais velha (h.f.).

(17) — Designação empregada, também, para a filha (m.f.).

24. poito (18) -- filho da irmã (h.f.)
 muyn — marido da filha (h.f.)
 marido da filha do irmão (h.f.)
 marido da filha da irmã da espôsa
 filho do irmão da espôsa
25. ānipi(u-ānipi) — filho do irmão (m.f.)
 marido da filha (m.f.)
 marido da filha da irmã (m.f.)
 marido da filha do irmão do marido
 filho da irmã do marido
26. pa:se — filha da irmã (h.f.)
 espôsa do filho (h.f.;m.f.)
 filha do irmão da espôsa
 filha do irmão (m.f.)
 espôsa do filho da irmã (m.f.)
 filha da irmã do marido (?)
27. pa(u-pa) - filho do filho
 filho da filha
 filha do filho
 filha da filha
28. iño(u-iño) — marido
29. nopi(u-nopi) — espôsa

(18) — Empregam-se, também, os termos *pa-iun*; *pari-iun* e *poitori*. O designativo *muyn* pode ser aplicado ao irmão da mãe, quando Ego é do sexo masculino. Possivelmente no caso do casamento avuncular.

SUMMARY

Information about the Makuxi kinship system is very limited. This report is an attempt to describe some of the features of that system. The data were collected during a two months survey (February-April, 1964) in the Território Federal de Roraima. The informants were some Makuxi men and women of the Surumú-Cotingo and Maú valley. The Makuxi language (Carib) is spoken by some 3000 Indians living in the Território Federal de Roraima, Brazil.

Makuxi culture is being greatly modified today by interethnic trade and the integration of the tribe, as a whole, into regional Brazilian society and especially into its monetary system.

The Makuxi kinship system in the first ascending generation is bifurcate merging. Thus, the father's brother is classified with the father, and the mother's sister is classified with the mother, while the mother's brother and the father's sister are designated by specific terms. On the basis of cousin terminology the Makuxi kinship system is of the Iroquois type. Cross-cousins are referred to by the same terms as the brother-in-law and sister-in-law, and are considered by Ego, as potential spouses. Father's sister and mother's brother are classified as parents-in-law. Parallel cousins are classified like Ego's siblings.

Oblique marriage, i. e., marriage with the sister's daughter, as recorded in several early sources, was not observed in our survey, but one case of sororal polygyny was encountered in one of the eight settlements visited. Matrilocality, as the prevailing rule of residence, is still practiced.

Although earlier writers stated that the line of descent is matrilineal, the avuncular marriage to which they also referred throws some doubt on this statement and further research is needed.

LIST OF KINSHIP TERMINOLOGY (19)

- | | | |
|-----|-----------------|--------------------------------|
| 1. | amo:ko | — FaFa/MoFa |
| 2. | ko:ko | — FaMo/MoMo |
| 3. | iun(u-iun) (20) | — Fa |
| | pa:pa | — FaBr/MoSiHu |
| 4. | san(u-san) | — Mo |
| | ma:ma | — MoSi/FaBrWi |
| 5. | tori | — MoBr(m.s.)/FaSiHu(m.s.)/WiFa |
| 6. | ao? | — MoBr(w.s.)/FaSiHu(m.s.)/HuFa |
| 7. | anan(u-anan) | — FaSi/MoBrWi/WiMo/HuMo |
| 8. | ui?(u-rui) | — e.Br(m.s.) |
| 9. | pi?(u-pi?) | — e.Br(w.s.) |
| 10. | nana? | — e.Si(m.s.) |
| 11. | a:tu | — e.Si(w.s.) |
| 12. | moi?(21) | — y.Br(m.s.) |
| 13. | moi?nen(22) | — y.Br(w.s.) |

(19) — In the transcription of Makuxi kinship terms the following symbols were used:

a, e, i, o, u, m, n — approximately as in Portuguese.

p, t, k — stops with free variation as regards voicing.

? — glottal stop.

s — alveolar voiceless fricative grooved, and an alveopalatal voiceless fricative [š] before /i/.

ñ — alveopalatal voiced nasal.

h — glottal voiceless fricative.

w — bilabial semivowel.

y — alveopalatal semivowel.

i — high central vowel.

/:/ — vowel length.

Word stress occurs on the last syllable.

(20) — The Makuxi kinship terms in parenthesis are terms of address. They are formed by the addition of the possessive *u* (my), for example, *u-iun* (my father).

The letters (w.s.) and (m.s.) signify, respectively, woman speaking and man speaking.

(21) — Term used, also, for the son (m.s.).

(22) — The same term is used for the son (w.s.).

14. manon (23) — y.Si(m.s.)
15. awa — y.Si(w.s.)
16. ya:ko? — FaSiSo(m.s.)/MoBrSo(m.s.)
SiHu(w.s.)/HuBr
17. pi:pi (24) — FaSiSo(w.s.)/MoBrSo(w.s.)/
SiHu(m.s.)/WiBr
18. riši(-riši) (25) — FaSiDa(m.s.)/MoBrDa(m.s.)/
WiSi/BrWi(m.s.)
19. e:ru? (26) — FaSiDa(w.s.)/MoBrDa(w.s.)/
BrWi(w.s.)
20. mu(u-mu) — So(m.s.)
muri — BrSo(m.s.)/WiSiSo
21. re:(u-re:) — So(w.s.)/SiSo(w.s.)/HuBrSo
22. ri(u-ri) — Da(m.s.)/Brda(m.s.)/WiSiDa
23. re(u-re) — Da(w.s.)/SiDa(w.s.)/BuBrDa
24. poito (27) — Siso(m.s.)/DaHu(m.s.)/WiSiDaHu/
BrDaHu(m.s.)/WiBrSo
25. ânipi(u-ânipi) — BrSo(w.s.)/DaHu(w.s.)/HuBrDaHu/
SiDaHu(w.s.)/HuSiSo
26. pa:se — SiDa(m.s.)/SoWi(m.s.;w.s.)/
BrSoWi(m.s.)/WiBrda/BrDa(w.s.)/
SiSoWi(w.s.)
27. pa(u-pa) — SoSo/Dasi/SoDa/DaDa
28. iño(u-iño) — Hu
29. nopi(u-nopi) — W

(23) — Term used, also, for the daughter (m.s.).

(24) — The same term is used for the older brother (w.s.).

(25) — The same term is used for the older sister (m.s.).

(26) — Term used, also, for the daughter (w.s.).

(27) — Alternate terms are *pa-iun*, *pari-iun*, *poitori* e *muyn*. The last term is also used for the mother's brother (m.s.).

BIBLIOGRAFIA CITADA

CARVALHO, BRAULINO DE

- 1936 — Vocabulário e Modo de Falar dos Macuchys, in *Boletim de Museu Nacional* XII, ns. 3 e 4; pp. 111-128. Rio.

COUDREAU, HENRI

- 1887 — *La France Équinoxiale : Études sur les Guyanes et L'Amazonie*, t. II. Paris.

FARABEE, WILLIAM CURTIS

- 1916 — Amazon Expedition, in *Museum Journal* VII; pp. 210-214. University of Pennsylvania, Philadelphia.
- 1924 — The Central Caribs. *Anthropological Publications* X. University of Pennsylvania, Philadelphia.

GALVÃO, EDUARDO

- 1960 — Áreas Culturais Indígenas do Brasil; 1900-1959. *Boletim do Museu Goeldi*, série Antropologia, n.º 8. Belém.

GILLIN, JOHN

- 1948 — Tribes of the Guianas. In *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, ed.), 3 : 799-867. Washington, D.C.

KOCH-GRÜNEBERG, THEODOR UND HUBNER, GEORG

- 1908 — Die Makuschi und Wapischána, in *Zeitschrift für Ethnologie*; vol. 40; pp. 1-44. Berlin.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE

- 1949 — *Les Structures Élémentaires de La Parenté*. Paris.

MARTIUS, CARL FRIEDRICH PHIL

- 1867 — Die Macusis, in *Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's*, vol. I, pp. 640-651; vol. II, pp. 225-312. Leipzig.

MAYER, ALCUIN

- 1951 — Lendas Macuxis, in *Journal de La Société des Américanistes*, n.s. XL, pp. 67-87. Paris.

MOORE, SALLY FALKS

- 1963 — Oblique and Asymmetrical Cross-Cousin Marriage and Crow-Omaha Terminology, in *American Anthropologist*, vol. 65, n.º 2; pp. 296-311. Menasha, Wisconsin.

MURDOCK, GEORGE PETER

- 1949 — *Social Structure*. The Macmillan Co. New York.

MYERS, IRIS

- 1946 — The Makushi of British Guiana — A Study in Culture Contact, in *Journal of the Royal Agricultural and Commercial Society of British Guiana*, vol. 27, July; pp. 13-38. Georgetown.

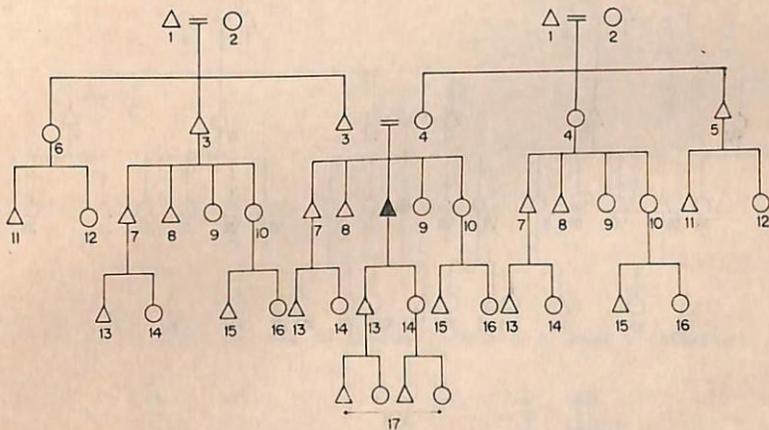
NIMUENAJÚ, CURT

- ms — Vocabulário Makuxí, levantado em 1921 com o índio Julião, do rio Uraricuera, na cidade de Manaus (Amazonas). Encontra-se arquivado no Setor de Lingüística do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

QUADRO I

ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGUÍNEO MAKUXÍ

(Ego masculino)



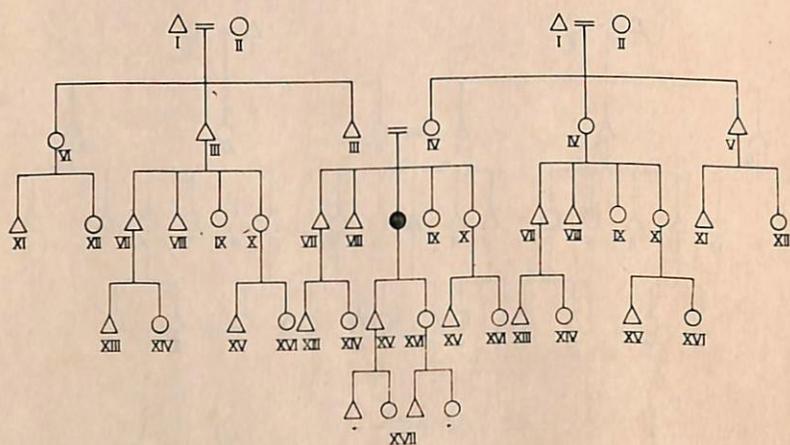
- 1. amo:ko
- 2. ko:ko
- 3. iun
- 4. san
- 5. tori
- 6. anan
- 7. ui ?
- 8. moi
- 9. nana

- 10. manon
- 11. ya:ko ?
- 12. riši
- 13. mu
- 14. ri
- 15. poito
- 16. pa:se
- 17. pa

QUADRO II

ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANQUÍNEO MAKUXÍ

(Ego feminino)



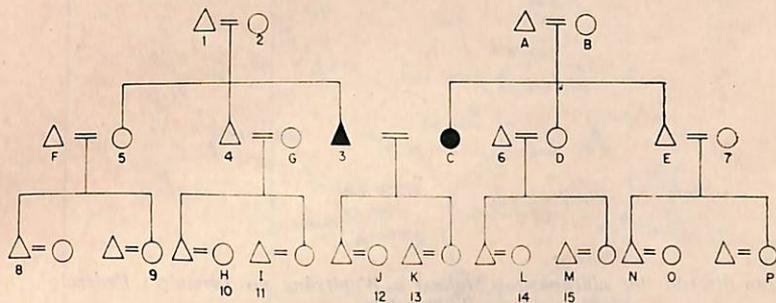
I. amo:ko
 II. ko:ko
 III. iun
 IV. san
 V. ao?
 VI. anan'
 VII. pi
 VIII. moi?nen
 IX. a:tu

X. awa
 XI. pi:pi
 XII. e:ru?
 XIII. ānipi
 XIV. pa:se
 XV. re:
 XVI. re
 XVII. pa

QUADRO III

ESQUEMA DE PARENTESCO AFIM MAKUXÍ

(Ego masculino e feminino) *

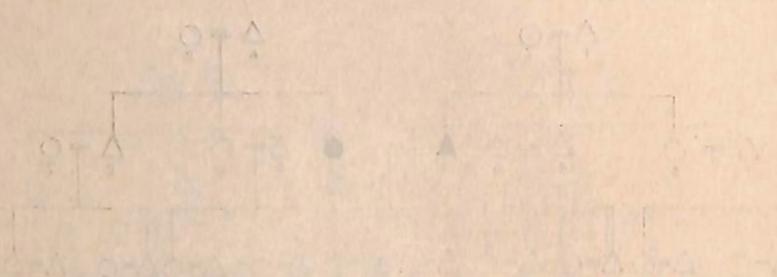


(*) — Do ponto de vista do homem (letras) e da mulher (números)

| | | | |
|----|--------|-----|-------|
| A. | tori | 1. | ao |
| B. | anan | 2. | anan |
| C. | nopi | 3. | iño |
| D. | riši | 4. | pi:pi |
| E. | ya:ko? | 5. | e:ru? |
| F. | ya:ko? | 6. | pi:pi |
| G. | riši | 7. | e:ru? |
| H. | pa:se | 8. | ãnipi |
| I. | poito | 9. | pa:se |
| J. | pa:se | 10. | pa:se |
| K. | poito | 11. | ãnipi |
| L. | pa:se | 12. | pa:se |
| M. | poito | 13. | ãnipi |
| N. | poito | 14. | pa:se |
| O. | manon | 15. | ãnipi |
| P. | pa:se | | |

ESQUEMA DE FABRIL DO ARIPE MARIKÉ

(tipo mesolítico e lamelífero de ...)



Localização dos aldeamentos Makuxí e Wapitxâna no Território Federal de Roraima

... (The text is very faint and difficult to read, possibly a title or subtitle for the map below.)

| | |
|----------|---------|
| 1. ao | A. fo |
| 2. an | B. an |
| 3. lio | C. op |
| 4. pidi | D. fo |
| 5. em | E. fo |
| 6. m | F. fo |
| 7. m | G. fo |
| 8. lopi | H. fo |
| 9. m so | I. fo |
| 10. m so | J. m so |
| 11. lopi | K. fo |
| 12. m so | L. m so |
| 13. m so | M. fo |
| 14. m so | N. fo |
| 15. m so | O. m so |
| 16. m so | P. m so |

